

A narrativa açoriana pós-revolução dos cravos: uma breve notícia

Luiz Antonio de Assis Brasil*

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Aqui o homem ergue
uma ilha e olha
as palavras cercadas de sal
até onde o olhar se afoga.

Naufrágios Inscricões,
Urbano Bettencourt.

Diz o narrador de *Ilha grande fechada* (1992): *sair da ilha é a pior maneira de ficar nela*. Essa frase, que aos poucos torna-se antológica, resume a tensão identificadora de um *corpus* literário ficcional plenamente incorporado ao universo da portugalidade e, em maior alcance, da lusitanidade. Os Açores¹, mercê de

¹ O arquipélago dos Açores – descoberto no século XIV por navegadores portugueses – situa-se em pleno Atlântico Norte, a 1.200 Km de Lisboa, e é constituído por nove ilhas: Santa Maria e São Miguel (grupo oriental); Terceira, Graciosa, Pico, Faial e São Jorge (grupo central); Flores e Corvo (grupo ocidental). A população total ronda os 270.000 habitantes. Sua economia tem entre seus pontos fortes o turismo, a pecuária leiteira e de corte, bem como a exportação de cítricos, laticínios e ananazes. Sob o aspecto político, os Açores são uma Região Autónoma de Portugal, sob sistema parlamentarista; a Presidência do Governo Regional situa-se em Ponta Delgada e a Assembleia Regional na ilha do Faial. O meio monetário circulante é o escudo português. Telecomunicações avançadas, TV a cabo e aeroportos internacionais bem equipados estabelecem o contato com o Exterior, e uma empresa aérea regional – a SATA – faz o transporte de passageiros e de carga entre as ilhas e com o *Continente*. Desenvolvida segundo padrões europeus, a cidade de Ponta Delgada – capital da ilha de São Miguel – possui uma estação de TV (RPT-Açores), várias rádios AM e FM, três jornais diários, dois semanários ilustrados, duas revistas mensais, três editoras, uma academia de música, uma orquestra de câmara, vários corais, quatro museus, duas bibliotecas públicas (a Antero de Quental – com uma das mais importantes camonianas do mundo – e a da Fundação Kalouste Gulbenkian) várias galerias de arte e uma universidade (Universidade dos Açores) com 2.100 alunos. Tais itens culturais repetem-se em maior ou menor intensidade nas outras ilhas, especialmente na Terceira e no Faial.

secular descaso da Metrópole, somente após o 25 de Abril veio a obter o reconhecimento de seu estatuto político e cultural; no decorrer da História, nomeadamente sob o longo consulado de Salazar e, depois, sob Marcelo Caetano, era a emigração em massa para os Estados Unidos e Canadá, responsável pela existência de maior número de açorianos na América do que em seu arquipélago de origem; hoje, sob a plenitude democrática, é o desejo de ficar, é a inclusão na modernidade europeia, com todas suas inevitáveis perdas e imensas vantagens. A reversão de um quadro desfavorável, entretanto, não fez esquecer os pais, irmãos, filhos, noras e genros que partiram à busca de uma existência mais próspera: a literatura, por óbvio, não poderia ficar à margem da representação desse fenómeno. Como diz Adelaide Batista, em *João de Melo e a Literatura Açoriana* (1993):

Curioso, porém, é notar que as narrativas mais focam os sentimentos e efeitos relativos às partidas e chegadas do que propriamente a experiência emigrante. É que nas ilhas, onde o tempo e o espaço se condensam, intensificando formas de estar e sentir, tal realidade impõe-se não tanto como fenómeno social em si, mas antes como marca de uma condição existencial de forte sofrimento, emoção e perspectiva universal. (p. 41)

Dentro dessa vertente literária da emigração (há outras, que serão vistas a seu tempo), situa-se o escritor Daniel de Sá². Na obra acima citada, o protagonista, já com a saudade conduzindo seus passos, faz o percurso dos romeiros da Quaresma, na ilha de São Miguel: durante vários dias acompanha a procissão dos orantes e ao mesmo tempo desvela seu passado; ao fim do trajeto está o aeroporto, que o levará para uma viagem sem retorno. Como gesto definitivo e trágico, sacrifica seu cão, a simbolizar a quebra voluntária dos afetos que ficam. Coloca-se assim a emigração como um caminho ao qual o açoriano se entrega com a compulsão do cumprimento de um dever. O resultado é a errância, a transitoriedade e o permanente desejo da volta. Quando acontece, essa volta nunca é satisfatória: o *torna-viagem* jamais poderá deixar de ser *americano* e mesmo que construa uma casa - em geral suntuosa - em sua freguesia original, contribua para a igreja e participe das festas comunitárias, todos lhe conhecem a história.

Não se pense que a temática emigratória é nova: já oito anos após o 25 de Abril é publicado *Imitação da morte*, romance de José Martins Garcia³. Utilizando um curioso narrador em segunda pessoa, esta obra acompanha a trajetória de Antônio Cordeiro, professor que, após experiências de Paris e Lisboa, é levado a aceitar um posto universitário na Nova Inglaterra, região de forte presença açori-

² Daniel de Sá, natural da ilha de São Miguel, é professor na freguesia da Maia (São Miguel).

³ José Martins Garcia, natural da ilha do Pico, é professor da Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, ilha de São Miguel.

ana; ali, pela sua privilegiada condição intelectual, transforma-se em alguém capaz de refletir sobre a situação dos emigrantes, percebendo-lhes (e em si próprio) a constatação dolorosa da ausência de um lugar próprio:

Um frio profundo arrepia-te a nacionalidade – esse sobretudo frágil que jamais te confortou. E quando o vento passa a soprar do Atlântico, sonhas com uma pequena lágrima – é mentira – capaz de responder a ilhas e sargaços, águas, águas, águas, milhares de léguas aquáticas onde não encontres sepultura. (p. 208)

A mesma idéia perpassa a obra *Contrabando original* (1987) do mesmo autor: Miguel, o protagonista, termina por abandonar a sua ilha, torna-se insubmisso à guerra colonial, é protegido por uma prostituta em Lisboa e vai para a América, como ator de cinema; tudo isso é passado ao leitor em um clima onde a verossimilhança sofre um duro abalo; trata-se de uma opção do narrador, que encontra amparo na mesma irrealdade vivida por todo aquele que se afasta da ilha para *ganhar o mundo*. Não é mais ilhéu, mas também não se torna um cidadão internacionalizado – é um ser anfíbio, de existência precária, destinado a não mais encontrar nem a si mesmo, nem a sua ilha de névoa.

Temos, ainda, o premiado romance *Gente feliz com lágrimas* (1988), de João de Melo⁴, no qual se potencializam o desespero da partida e a ausência de parâmetros na terra de adoção. Nessas duas últimas narrativas percebe-se um percurso idêntico: o retrato inicial das dificuldades da vida insular, a fatalidade da partida e o desenraizamento posterior.

A vida dos emigrados está fortemente descrita em *(Sapa)teia americana*, (1983) de Onésimo Teotônio Almeida⁵ – nesta obra vê-se o quanto o ilhéu nunca o deixa de ser, em que pesem a extrema envolvência da cultura e da riqueza estadunidenses. O lado burlesco da influência americana tratou-o – entre outros autores – Cristóvão de Aguiar⁶ em *Raiz comovida/A semente e a seiva* (1980), quando refere à personagem Ti Marchaninho, o qual, de volta dos Estados Unidos, trouxe uma *grafonola* (gramofone) com a qual toca *músicas lindíssimas*, espantando seus conterrâneos e provocando os ciúmes artísticos do mestre da banda local.

Álamo Oliveira⁷, em *Já não gosto de chocolates* (1999) mostra-nos um outro viés da emigração, assumindo um discurso nitidamente íntimo. É narrativa que não

⁴ João de Melo, natural da Achadinha, ilha de São Miguel, é professor em Lisboa.

⁵ Onésimo Teotônio Almeida, natural do Pico da Pedra, ilha de São Miguel, é professor na Brown University, em Providence, R.I.

⁶ Cristóvão de Aguiar, natural do Pico da Pedra, ilha de São Miguel, é Lente de Língua Inglesa na Universidade de Coimbra.

⁷ Álamo Oliveira, natural da ilha Terceira, é funcionário público e reside em Angra do Heroísmo, capital da mesma ilha.

fica à superfície, descendo na complexa intimidade de seus protagonistas, os quais deixam de ser emigrantes para converterem-se em seres humanos. O protagonista, se é que existe algum, é o velho José Silva, metamorfoseado em o nome feminino de Joe Sylvia (e esta a primeira ironia do romance); já viúvo e doente de cadeira de rodas, faz seu testamento, reúne os filhos e declara que vai para um asilo. Contrariamente ao seu desejo, ouve a fatal concordância de todos. Seu espaço, a partir de agora, limita-se a um quarto e à janela em frente, para além do ritual do banho e do talco que são suas únicas atividades. Operando com *flash-backs* e retomando o fio da trama a todo o momento, o narrador fixa uma dialética sutil, na qual privilegia em igual medida o tempo atual e o pretérito, e o leitor tem a sensação de que passado e presente são um único tempo, pautado pela epopéia burguesa de um homem comum, na qual não há vencedores nem derrotados. Na diegese assim organizada, e sob as lembranças de Joe Sylvia, vemos desfilar as duras condições da ilha original (*todos foram percebendo que viver na ilha era apenas melhor do que estar morto*), o desejo de emigrar, a fixação nos chocolates americanos, considerados a quintessência do luxo, a decisão final, a dolorosa partida:

Pelo caminho, foram olhando para os pequenos montes da ilha, para as árvores e cercados, para as casas e seus redutos, para as igrejas e impérios, para as pessoas e animais, com aquela sensação esquisita de quem vê o que sempre estivera diante de seus olhos e por quem, de repente, se sente uma paixão mortal. (p 37)

Na América, leia-se Califórnia, leia-se Tulare, Joe Sylvia percorre a sina de seus compatriotas, cheio de dúvidas quanto à decisão que tomou, mas sabendo que ela é irremediável. No novo mundo, como saídos de um conto de fadas, os bens começam a materializar-se em automóveis, refrigeradores, casa ampla, festas ao estilo americano. O patético está reservado às viagens de recreio à ilha. São duas, e cada qual possui seu próprio tom. A primeira realiza-se há apenas cinco anos de emigrados, e levam do bom e do melhor, para mostrar aos vizinhos que a América é mesmo bela e rica. Na ilha, encontram tudo *na mesma. Só que, agora, tudo parecia mais triste e vazio*. As lembranças ainda estão bem vivas, e Joe Sylvia e sua família até chegam a sentir uma certa nostalgia daquele passado outrora tão avaro. As despedidas são agônicas, trespassadas de sentimento e juras de pronto retorno. Já a segunda viagem, quinze anos mais tarde, teve fumos de réquiem. Nada mais lhes dizia respeito, e pior, *sentiram que não eram de terra nenhuma*, e da América ficava-lhes apenas a segurança de sua casa, agora transformada em *sua ilha*. Voltavam, não para Tulare, mas para o pequeno mundo que a tantas penas haviam construído. Ali era seu refúgio, sua única cidadania. Lentamente os filhos integram-se à nova sociedade (já são Johnny, Maggie, Lucy, Tony, Mary e

Joe) e, bem ou mal, vivem a suas vidas, ora permeadas de afeto e paz, ora de raivas e desencontros. O romance mostra-nos o presente estoicamente desiludido de Joe Sylvia e o esperançoso passado de José Silva: os filhos, em suas distraídas visitas semanais ao pai, trazem-lhe chocolates que ele já não suporta mais, e pede à enfermeira que os jogue fora. Fica a metáfora do desencanto simbolizada nessas caixas coloridas, e que Joe Sylvia deseja ver emboloradas e cobertas de formigas. É um homem velho, mas não lhe pesa tanto a idade física como aquela velhice ancestral, de quem muito já viveu dissabores e tragédias, nada mais restando do que a espera da morte; e ele a prepara como quem arranja um repouso final: pouco mais lhe resta senão deixar que os dias passem, que passem as semanas e meses (porque os anos já estão fora de seu horizonte). Se a América é um grande chocolate aí posto para ser mordido, pode ser, ao mesmo tempo, uma caixa de muitas cores deitada ao lixo de um asilo.

É certo que o *Continente* (designação insular para Portugal continental) conheceu a emigração, mas é nos Açores que ela se apresentou com caráter ainda mais dilacerante, pois outro aspecto, a correr em paralelo, a singulariza: a guerra colonial, para a qual foi convocado, proporcionalmente, o maior contingente das tropas portuguesas que iam lutar em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, em defesa do anacrônico projeto colonial de Salazar. A presente geração de escritores açorianos não passou ao largo desses conflitos; muitos (José Martins Garcia, Álamo Oliveira, João de Melo, Cristóvão de Aguiar, Urbano Bettencourt, entre outros) envolveram-se pessoalmente no serviço militar na África, e as marcas são visíveis no sofrimento de personagens que significam, a seu tempo, o sofrimento do povo insular. Levados a um ambiente adverso, na certeza da derrota e não acreditando nas autoridades de Lisboa, foram vítimas de um processo de brutalização em que poucos sobreviveram emocionalmente. A personagem-narradora de *Ciclone de setembro* (1985), de Cristóvão de Aguiar, bem fala da circunstância do afastamento produzido pela guerra:

A tarde é uma fornalha ateadada de silêncio, que os minúsculos ruídos da mata envolvente escavam ainda mais fundo; baloiçam-se as viaturas como se navegassem em mar ruim. Por duas vezes paramos, com problemas de motor e de pneus. / Estou arrependido de tão cedo ter saído da ilha. (p. 161).

No romance *Até hoje: Memória de cão* (1988) de Álamo Oliveira, a guerra se apresenta como um espaço de sadismo, onde a sensibilidade dos militares convocados é submetida a uma negação forçada e cruel. O mesmo espírito preside *Autópsia de um mar de ruínas* (1984) de João de Melo:

Começava ali o inferno, pensei eu, de sentinela ao medo do meu rosto, à minha imensa perplexidade perante o que estava acontecendo. O inferno era uma noite surda e pesada de metais insólitos no som e no aspecto; o inferno estalava confusamente como a lenha verde das queimadas, mas tinha agora o sopro subterrâneo das pedras trêmulas que rebentavam por asfixia no centro dos morros de Cambalaia, ao Norte, e eu pensava: morrerei em África, morrerei, minha mãe. Vou de certeza morrer aqui em África. (p. 15)... porquê, em que nome, em que lugar e tempo aquelas coisas podiam acontecer ainda (p. 264)

O exemplar *Lugar de massacre* (1975), de Martins Garcia, foi um dos primeiros romances portugueses que trataram da guerra colonial; nesse caso, o conflito é visto por seu aspecto também risível, e que muitas vezes ironiza o terror daqueles que eram obrigados a suportá-lo.

Toda a produção literária açoriana erigiu-se a partir de uma visão própria do mundo e da sociedade, inconfundível com o modo de ser português-*continental*, e que Vitorino Nemésio⁸ definiu como *açorianidade* – termo não isento de uma certa imprecisão, mas compreensível quando se percebem algumas recorrências; mas mais do que isto: quando se identifica um *modo açoriano* de tratar essas recorrências. É José Martins Garcia – um autor ao qual ainda voltaremos – quem procura conceituar este *modo*, e o faz, ao tratar da poesia de Roberto de Mesquita, na obra *Para uma literatura açoriana* (1987), identificando uma dialética entre o sentir do *encarceramento* – pois o mar cinge a ilha – e a *infinitude* – o mesmo mar possibilita o sonho da evasão. Esse autor trata da açorianidade de modo original, na mesma obra: a açorianidade cultural deve ser buscada na especificidade da literatura açoriana, e não ao contrário:

...não necessitamos de qualquer substância pré-determinada para que exista uma literatura açoriana. A cultura açoriana é que necessitaria de extrair das obras literárias as características aptas à reelaboração do conceito de açorianidade lato sensu. (p. 22)

Já Onésimo Teotônio Almeida assume atitude exclusiva quanto ao assunto, na obra *Açores Açorianos Açorianidade* (1989), ao dizer:

Açorianidade é aquilo que são e querem ser os açorianos. E esse conceito alargar-se-á sempre que o mundo de qualquer açoriano se alargar mais. (p.169)

Inevitável afirmar: a açorianidade traz seu cariz de orgulho pela situação de ilhéu, e faz com que o açoriano reivindique para si uma própria escala de valores

⁸ Vitorino Nemésio (1901-1978), natural de Praia da Vitória, ilha Terceira, foi professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Romancista, contista, ensaísta, músico, poeta, é autor de *Mau tempo no canal* (1944), entre outros títulos de extensa e variada bibliografia.

éticos e sociais distinta do *Continente*. Seria incorreto chamar de *bairrismo* a essa visão particular, pois o transcende em muitos aspectos: enquanto o bairrismo considera o *outro* como a síntese dos males e estabelece uma visão dicotômica na realidade, a açorianidade não aparta o açoriano da comunidade portuguesa – mas o identifica perante seus patrícios continentais.

Unida a esta idéia da açorianidade, e quase se confundindo com ela, situa-se a questão da *consciência insular*, que ultrapassa o estritamente literário. É um sentimento que se expressa pela distância, pela nostalgia, pela contemplação melancólica da paisagem, dos garajaus que voltam todo o ano, da bruma que tudo obscurece, do mar quase sempre crespo, das tempestades, das nuvens densas e baixas do inverno, do *azorean torpor*; significa uma espécie de resignação às inclemências e dificuldades da vida insular, algo indizível mas profundamente experimentado. Como assinala Vitorino Nemésio em *Corsário das Ilhas* (1956):

Tudo, para o ilhéu, se resume em longitude e apartamento. A solidão é o âmago do que está separado e distante. (p. 69)

Já em 1932, em artigo para a revista *Insula*, o mesmo autor identificava a saga açoriana:

Meio milênio de existência sobre tufos vulcânicos, por baixo de nuvens que são asas e de bicharocos que são nuvens, é já uma carga respeitável de tempo – e o tempo é o espírito *in fieri*. (...) Como homens, estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo habitat a uns montes de lava (...). A geografia, para nós, vale tanto quanto a história (...) Como sereias, temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar.

É evidente que não estamos tratando de *regionalismo*, tenha ele o conceito que tiver; aqui se configura uma outra atitude, não passadista nem refratária às mudanças; é uma perspectiva lúcida, de conhecimento crítico da realidade, sem os equívocos a que o regionalismo chegou não apenas nos Açores. Nesse aspecto, a questão das origens é fundamental: o Arquipélago formou-se por erupções vulcânicas oriundas do subsolo oceânico (o que, aliás, é causa de inúmeros episódios tectônicos, como o de primeiro de janeiro de 1980, que destruiu a cidade de Angra do Heroísmo, ou o vulcão dos Capelinhos, no Faial) e essa origem com forte conotação de lenda gerou narrativas que igualmente criam, sob a luz da ironia, suas próprias lendas; assim, em *Contrabando original*, de José Martins Garcia, há a narrativa de uma pseudo origem mitológica para os habitantes da ilha do Pico:

Conta-se que, em meados do século XIX, um veleiro foi tragado em noite de temporal a Sul da ilha. O único sobrevivente – meu bisavô Saul Rafael – foi encontrado aparentemente morto entre o calhau miúdo, na baía onde desembarcara séculos antes, Fernão Álvares Evangelho, um dos supostos descobridores da ilha montanhosa e agreste, várias vezes incendiada por vulcões e penetrada por línguas de lume advindas do oceano. (p. 92)

De igual forma, em *Meu mundo não é deste reino* (1983), de João de Melo, aparece uma lenda, desta vez a explicar a descoberta e povoamento do lugar da Achadinha, na ilha de São Miguel. O cenário inicial é de uma Gênese própria, insular:

Era no tempo em que as pedras tinham a configuração e o tamanho de ovos de dinossauro. Os esqueletos dos pequenos bichos, até então desaparecidos, eram desenterrados no seio dos búzios e da rocha dos fósseis. Tudo ali tinha o aspecto remoto e perpétuo da água, pois as próprias crateras vulcânicas, habitadas por ninhos de murganhos e salamandras, apresentavam as arestas limadas pelo torno das grandes chuvas, datando todas elas do tempo do patriarca Noé. (p. 14)

Seria até desnecessário dizer que o tratamento do mito dá-se, nesses dois autores, com forte carga crítica – e que passa frequentemente pela sátira. Na representação do viver diário nas ilhas, Cristóvão de Aguiar, na sua citada trilogia *Raiz comovida*, mostra-nos um léxico bastante próximo à fala popular, cheio de localismos e redescobertas lingüísticas; nos romances *A fome* (1978) e *O medo* (1982), de José Martins Garcia, nota-se a reiteração de uma idéia: apresentando cenas da ilha e do *Continente*, vemos o desdobrar de uma intenção narrativa que objetiva contemplar a visão simultânea dos dois mundos, o primeiro com seu caráter idílico, ingênuo e repetitivo; o segundo com suas perversidades. Ambos romances já anunciam a marca que viria a definir o *Leitmotiv* desse autor, que pode ser estendida a outros escritores açorianos, caracterizando uma *estética da permanência*, implícita nas reflexões do adolescente açoriano, narrador de *A fome*:

Tinham sido três anos de vida liceal – terceiro, quarto, quinto – duros como arestas da cidadezinha infeliz, corredor ou currículo imprescindível à evasão. Nenhuma voz a erguer-se contra a fatalidade, nenhuma teoria capaz de cimentar, em sonho que fosse, a rebelião. Da memória fendida por inúmeros terremotos brotava a compenetração aguda de gentes em eterna semana santa, Senhor dos Passos em cima do andor (...) (p. 38).

Mais tarde aparece, ainda em *Contrabando original*, uma passagem sempre citada por sua força simbólica:

O ano novo não era um novo ano; era uma cantoria igual à de todos os anos. Todos os anos se matava o porco, o mesmo porco. Todos os anos nascia o mesmo Menino Jesus depois das mesmas novenas. E todos os anos, sem esperança de escapar ao destino, o Menino nascia, ia ao Templo dar uma lição aos doutores (e os mesmos doutores nunca aprendiam a lição; estavam sempre em estado de ignorância e o menino ensinava-lhes inutilmente a lição de sempre), pregava, aturava o Demônio e suas tentações, era vendido por Judas, negado por Pedro e morria na cruz, entre dois ladrões. (...) Todos os anos se semeava o mesmo milho (...) se rapavam as mesmas vinhas (...) se bailava a mesma chamarrita, se tosquiava a mesma ovelha (...) e tudo sempre em ciclo e círculo até que Deus viesse com o ponto final. (p. 51).

Lúcia Helena Marques Ribeiro, em *A questão das identidade da terra e a idéia de permanência em Contrabando Original*, de José Martins Garcia (1998), verifica:

Os rituais são, então, a representação da vida; o elo que liga todos os elementos da construção da narrativa. Como realidade e como metáfora, são mantidos e se fecham em si e sobre as personagens, tornando-se um peso a ser carregado: o ritual do nascimento e o da morte, os rituais da religião, o ritual familiar e o da violência, o do plantio e da colheita, o ritual dos sismos, o da fome e da emigração (p. 37).

Burra preta com uma lágrima (1982), de Álamo Oliveira, já possui um tom que o aproxima dos acontecimentos do 25 de Abril. A protagonista, num primeiro instante, parece ser a Burra Preta, que, levada pela fatalidade, peregrina pelas Ilhas e vem encontrar um triste fim, desde logo antevisto por suas *burrices*. A metáfora torna-se gradativamente clara: aceitando seu destino, a burra deixa-se atrelar à carroça, cônica de seu papel coadjuvante, mas imprescindível; alegra-se em ser útil ao meio em que vive, mas sem abdicar da fantasia e da capacidade de rebelar-se quando preciso; por outro lado, encara com naturalidade o imperioso sair para outras terras; entrega-se depois à morte, sim, mas não como uma capitulação, mas com digna autonomia emocional. Isto é: sabe que não há outro caminho, mas que também ressurgirá em tantas outras burras. Enfim, não morrerá. E ao fim e ao cabo, exsurge a verdadeira protagonista, que é a gente açoriana, desta e de outras eras.

A lembrar também aqui, ao tratar-se da vertente da consciência insular, o drama *No seio desse amargo mar* (1992), de Onésimo Teotônio de Almeida. Temos aqui uma divisão tripartida em atos distribuídos simetricamente: o primeiro e o terceiro apresentam uma discussão entre intelectuais falecidos dos Açores, e, como entreato, a cena atual de um painel para discussão da açorianidade. Como fio con-

dutor, e dando unidade às ações, há a figura de um jovem, que representa, ao mesmo tempo, o papel de corifeu. Antero de Quental, Armando Côrtes-Rodrigues, Vitorino Nemésio, Roberto de Mesquita, Teófilo Braga, Francisco de Lacerda, J. H. Santos Barros, Alice Moderno e Domingos Rabelo, todos açorianos de distintas épocas, são nomes emblemáticos: poetas, romancistas, ensaístas, políticos e artistas de nomeada, já pertencem ao inventário cultural açoriano – para além de português, naturalmente -, e de certo modo, o representam; o autor, jogando com liberdade poética, estabelece um diálogo entre eles. Numa poltrona senta-se o jovem e, saudoso, lança a pergunta ao público: *Ah! Se Antero voltasse!... Mas onde estará ele?...* Essa questão desencadeia um monólogo em que a personagem recorda transes nos quais toma contato com um outro mundo, subaquático, a que chama de “Casa dos Açores da Atlântida” – a evocar, ao mesmo tempo, a lenda da origem do Arquipélago e a multiplicidade de “casas dos Açores” distribuídas pelo mundo – onde vagam personalidades, desde os dois irmãos Bullar que visitaram a ilha de São Miguel no século XIX, até uma mulher “faladora e destemida”. É nesse momento que acontece o surgimento de sombras humanas, inicialmente difusas, e que logo vêm à plena luz. Estas são Antero e Roberto de Mesquita, em plena conversação. Discutem sobre o *spleen* de Mesquita e o suicídio de Antero, esses dois fatos que são verdadeiros *landmarks* da cultura açoriana. A cena inaugural dá a tônica de todo o drama: pouco a pouco novas personagens vão surgindo, cada qual trazendo à baila seus motivos de ansiedade e alegrias; assim, aparecem Nemésio e seu violão a discutir o caráter ilhéu, Côrtes-Rodrigues com suas dúvidas franciscanas, Domingos Rabelo a querer pintar um retrato de Antero, Francisco de Lacerda e suas explanações musicais. Os temas frequentam desde muito o universo espiritual dos Açores, nomeadamente a religiosidade exacerbada (“Nemésio: ... São Miguel é uma ilha rodeada de religião por todos os lados, incluindo por cima”) ...; o entreato (na verdade, segundo ato) é exemplar: no *Continente*, intelectuais reúnem-se, ante uma platéia, a discutir o famoso tema da identidade dos Açores. Os equívocos sucedem-se: o moderador, ao agradecer a um participante, engana-se quanto à denominação de sua Universidade, e, ao ser corrigido, exclama: “Mil desculpas, senhor professor! Fora de Lisboa tudo nos parece a mesma coisa”. Nesse clima de caos, as confusões risíveis permeiam todo momento: Raposo Falla, dando-se por entendido no barroco português, refere-se ao “barroco da Ribeira Grande, na Terceira”, no que o advertem, entre risos: fica, na verdade, em São Miguel. Resposta: “Perdão! É que me confundo. Na Terceira fica é a Horta. (Mais risos)”. O preconceito aflora: o leitor dá-se conta de que a açorianidade está sendo discutida por *continentais*, pois, em dado instante, o moderador revela que os organizadores do colóquio desejaram convidar apenas nomes “nacionais” para evitar que os açorianos lá ficassem a falar entre si, no que Raposo Falla ajunta, a título de demonstração, referindo-se às ter-

túlias açorianas: “Deve ser lá um grupo de fanáticos a ler e comentar *O mau tempo no canal*, que é a Bíblia dos gajos!”. O jovem do primeiro ato irrita-se com tanto palavrório e com a estreiteza de pensamento dos oradores que não vêem um palmo à frente de seus localismos; faz um discurso inflamado: tendo como mote a afirmativa de que “os Açores são a última colônia do Império”, faz uma profissão de fé em que ressalta seu caráter açoriano, verberando contra a adesão ávida de Portugal à mama européia, como no passado fazia em relação à Índia e Brasil... Dá como modelo a Antero de Quental, ao mesmo tempo açoriano, português e europeu, e, portanto, universal. Num gesto romântico, retira-se da sala a gritar, dizendo “antes ouvi-los a eles! Aprendo muito mais com eles, os meus amigos do lado de lá. Da Atlântida!”. Volta a encontrar-se com os amigos “do lado de lá” no terceiro ato. O tom já é mais sombrio que o do primeiro. Roberto de Mesquita fala, por exemplo, no “rosto tristíssimo” da imagem do Senhor Santo Cristo, venerada em Ponta Delgada, e a marcar o tônus micalense; Alice Moderno, essa feminista *avant la lettre* – a faladora e destemida –, irrompe como um furacão na cena, verbera contra o machismo que não a entendeu enquanto vivia, e ao mesmo tempo denuncia a falta de amor dos micalenses, que só pensam em sexo – assim, lava-se a roupa a domicílio, e expõem-se as feridas no sentido de livrá-las do veneno. É o momento das reconciliações: Teófilo Braga tem uma atitude cordata em relação a Antero, e, dissipando antigas rixas, recita um poema de seu ex-rival. Antero, no decorrer de sua presença, vai ficando paulatinamente mais pensativo e, provocado por Teófilo, declara-se vítima, ainda hoje, da falta de alma da Europa e do tempo: “Olhem para a Europa de hoje e vejam se não divisam lugar para um portador de Ideal. A Igreja está moribunda. O Socialismo está morto. É preciso um Poeta”. A melancolia leva-o ao gesto fatal, que ocorre em cena. Está presente em toda a obra a idéia central de que o açoriano, embora insulado, embora às vezes submetido a equívocos ferozes e eventuais achincalhes, reivindica para si a nacionalidade portuguesa, e por extensão, européia e, mais além, universal.

Cumprir referir duas obras de escritores açorianos e que se inserem dentro desta mesma vertente. Primeiramente *Crônica do despovoamento das Ilhas* (1997), de Daniel de Sá. O título, grafado no singular, o é naquele sentido antigo: então temos *crônicas*, onze no total, que tratam dos teres e haveres açorianos, designadamente da ilha de São Miguel, mas cujos interesses vão além. No plano da linguagem, o autor mimetiza o léxico e a sintaxe dos antigos papéis públicos e privados, sem que isso comprometa a atualidade textual; isto é: percebe-se que estamos ante um escritor de hoje, que pensa e avalia mediante critérios de hoje. O resultado é uma prosa tensa, plena de subentendidos, a tecer sua urdidura através de achados lingüísticos que, se guardam o sabor dos séculos, destacam-se por sua modernidade. Não é, por certo, mero exercício de escrita; para além de repre-

sentar a recuperação da abundância semântica dos vocábulos do idioma e a revitalização de sua fraseologia habitual, significa uma profunda *intenção*. No que toca à matéria, é preciso recordar que os Açores conviveram com o isolamento – e esse termo, no caso, nunca foi tão literal – e com os rigores de uma Natureza em que os terremotos não pertencem apenas à História. Isso, essa particularidade, deu ao Arquipélago e à sua cultura uma singular *mundividência*, repetindo nas Ilhas o fenômeno que Alejo Carpentier atribui à América Latina: o convívio de todas as eras num mesmo tempo. Assim, falar do passado açoriano é, também, falar do seu presente, e referir-se ao presente é remeter inapelavelmente ao passado – e a recriação da linguagem arcaica, dentro dessa perspectiva, harmoniza-se ao conteúdo narrado. O *tom* narrativo é marcado na maioria das vezes pelo humor, mas há também momentos reflexivos, em capítulos que ferem as cordas íntimas da *anima* açoriana, como a emigração: na crônica-título do livro, e que o encerra, é contada a calamitosa travessia do Oceano que faz José Belizário, em demanda do Brasil, no século XVIII. Narra-se aí a odienta viagem, em que o mal menor são os enjôos e a degradada comida, e na qual não faltam as doenças e as mortes derivadas da condição brutal em que são transportados aqueles que buscam lugar melhor para exercerem as suas vidas. Em *A glória de mandar*, e formando um *pendant*, o autor discute a oposição entre a América e a Europa, pondo a nu a incompreensão dos primeiros povoadores relativamente aos indígenas, ensejando o comentário

... que o que mais faltou nesse tempo foi os novos senhores do Novo Mundo serem tão justos com os verdadeiros donos dele como entre si procuravam ser (p. 181),

o que vem a reforçar o juízo de Montaigne em seu ensaio *Dos coches*, no qual condena as atrocidades cometidas pelos europeus contra os nativos americanos. Há, igualmente, uma discussão a respeito das autoridades *continentais* em serviço nos Açores, civis ou eclesiásticas. Mandadas por Lisboa, interagem com a ambiência insular, o que se percebe em *Os Justos e os pecadores*. Aqui, um “Ouvidor teimoso” e um “Corregedor desobediente” maltratam um ao outro, lançando excomunhões e interditos que se estendem ao povo, e tão ferozes que obrigam os povos de Ponta Delgada a fazerem requerimento a el-Rei para implorar que Sua Majestade ponha um fim aos seus penares. O livro de Daniel de Sá celebra um exorcismo dos fantasmas ancestrais que pervagam as Ilhas, não hesitando tocar nas pedras de escândalo que há tanto incomodam, como, por exemplo, o Santo Ofício, a escravatura e os delitos de morte. Tudo é revisto sob uma óptica congruente e compreensiva, nada mais restando intocável. O que foi dito e resumido poderia lançar a errônea impressão de que se trata de obra referente por

exclusivo aos Açores; muito ao contrário: a interdependência com a realidade *continental* é flagrante; as ilhas, em que pese a distância, guardam uma profunda relação com a Pátria, estabelecendo com ela um constante diálogo. Assim, se a *Crônica* diz respeito aos Açores de modo direto, também diz à realidade portuguesa-*continental* e de além-mar, estabelecendo uma verdadeira ponte cultural entre as variantes geográficas e emocionais do idioma.

A segunda obra a comentar é *Com perfume e com veneno* (1997), de Álamo Oliveira. Talvez nem todos os textos recolhidos sejam contos – há, entremeada, uma instigante crônica, a inaugural, intitulada *Por uma lágrima gorda*, e há sementes de novela picaresca, como em *Vida & feytos do bothicaryo de Odemyra*. Esse programa abre espaços para a ironia, como em *Eureka*: um governante, depois de dizer a palavra do sábio grego, imagina destinos às ilhas açorianas: assim, haveria a ilha dos velhos, dividida em duas metades – numa delas seria o asilo propriamente dito, e na metade adjacente o inevitável cemitério; outra ilha seria destinada exclusivamente aos jogos de cassino, e assim por diante. A última seria a ilha dos prazeres, a “menina dos olhos”, na qual os proxenetas iriam “rebentar de felicidade”. Os momentos capitais de *Com perfume e com veneno* estão nos contos de viés surreal – ou fantástico, à escolha –, e nessa linha há dois, pelo menos. Se fosse possível – e necessário – escolher o mais açoriano conto do livro, este seria *O velho Joaquim*. Passa-se na “ilha mais pequena”, e nela há um velho. Um início trivial, quase um lugar-comum para quem conhece a realidade do Corvo. Mas começam as novidades: não é um velho qualquer: é um velho que não fala, e toda a gente aprendeu a saber de suas vidas pela cor dos olhos de Joaquim, que está eternamente sentado a contemplar o oceano. Ocorre, então, o último prazo para o Presidente da Região fazer a visita anual à ilha, como manda o preceito constitucional. A ilha, porém, em seu isolamento, foi-se degradando, as terras de cultivo foram abandonadas, as pessoas morriam como moscas, e as restantes sentaram-se na igreja à espera da morte. Uma onda de ratos devorava tudo que via pela frente, inclusive o único gato e o único cão restantes da hecatombe. Esqueceram-se do Velho Joaquim, desligaram o telefone e entregaram-se a vagar como ilha perdida. Quando a comitiva presidencial chega ao porto com seus fâmulos e cinegrafistas, é totalmente devorada pelos milhões de ratos que saltam de toda a parte. E, como diz o narrador, “O velho Joaquim, à porta de sua casa, é agora dono e senhor de sua ilha”. Não há, aqui, *compulsão regional*, nem interesse descritivo, nem a intenção em discutir as mazelas insulares. Só se percebe que o cenário é predominantemente das Ilhas por um pormenor, uma breve alusão, uma palavra ligeira.

A pós-modernidade literária açoriana encontra-se representada pelo romance *Pátio d’Alfândega/Meia-noite*, de, ainda, Álamo Oliveira (1992); nesta obra, dotada de intensa metaficção, há a escrita de um romance dentro do romance: o Poeta

Porreirinho, ao falecer, deixa dispersas as páginas de uma narrativa manuscrita e inédita, que seu amigo Patachão se encarrega de organizar e trabalhar para fins editoriais. Alternando duas vozes narrativas que se articulam complementarmente (o romance do Poeta Porreirinho e a trajetória de Patachão), Álamo Oliveira põe a nu uma sociedade marcada pelo provincianismo e a ganância, assolada pelos episódios da reconstrução da cidade de Angra do Heroísmo, destruída pelo terremoto de 1980. Já não se trata da representação de uma sociedade do passado, mas a atual, com seus conflitos e ausência de perspectivas; neste caso, a consciência insular apresenta-se contraditória e perplexa, às voltas com as exigências da modernidade e do estar-europeu.

Tal conjunto literário, consistente em obras e autores das mais variadas vertentes, possui, desde muito tempo, intelectuais aptos a balizarem as etapas de um percurso de quase 500 anos. No século XX desponta, depois de Vitorino Nemésio, o nome de Pedro da Silveira, referência obrigatória, seja como poeta, ensaísta, como agitador cultural ou elemento agregador de uma geração inteira. Ademais, a literatura açoriana, desde que atingiu os páramos universitários – citam-se os trabalhos de Almeida Pavão, José Enes, Martins Garcia, Machado Pires, Onésimo Almeida (que instituiu a cadeira de Literatura Açoriana na Brown University, nos Estados Unidos), Urbano Bettencourt (que rege idêntica disciplina na Universidade dos Açores), Adelaide Batista – a literatura açoriana, dizia-se, vem adquirindo o imprescindível corpo reflexivo, veiculado seja por jornal, como por revistas e livros. Por recente e por visível, registre-se uma obra de Vamberto Freitas, um dos mais fecundos e regulares ensaístas da época recente. Depois de *O imaginário dos escritores açorianos* (1992), em que lançou as bases de um estudo que viria a aprofundar, *Mar cavado: da literatura açoriana e de outras narrativas* (1998) é uma coletânea de artigos e entrevistas publicadas entre 1992 e 1998. O título imediatamente lembra as contingências insulares, visto que remete aos limites marítimos que rondam o viver ilhéu. Estruturalmente, a obra divide-se em duas partes, denominadas de *Outras vozes* e *Revisitações*. Liminarmente, o autor faz questão de esclarecer um assunto já muito discutido: não aceita a existência de uma literatura açoriana excluída do contexto literário português. A sucessão dos textos prova essa posição crítica e teórica. Percorre, no texto de Vamberto Freitas, a busca de um elemento integrador entre a Literatura praticada nos Açores e a portuguesa, como partícipes do todo maior da lusitanidade. O mesmo autor expõe seu pensamento numa frase exemplar, ao tratar de *Pátio d'Alfândega*:

É O homem das ilhas, enfim, ocupando inteiramente o seu lugar num universo que ele sabe estar longe, mas que é seu (p. 156).

Ou então:

A açorianidade é isso mesmo, sempre o foi na nossa arte – querer e saber pertencer à grande família sem fronteiras. (p. 169).

Se isto é verdade, também é certo que o autor mantém uma atitude de justificada admiração perante a literatura de seus conterrâneos. Escreve: *No país português, poucas outras comunidades têm produzido uma literatura tão viva e conseqüente, tanto em termos temáticos como estéticos* (p. 74). Ao examinar as obras de Katherine Vaz, António Tabucchi e Romana Petri, o autor nos alerta para a existência de um cânone literário incipiente, qual seja, o dos estrangeiros que se têm ocupado dos Açores, e apresenta-nos uma interpretação desse interesse: uma “geografia de mistério e mais ou menos fora da História, prestando-se a certa metaforização”. E esse “interesse externo” é proveitoso, pois gera a possibilidade de um olhar que, melhor do já acostumado, estará atento à realidade sem os pré-conceitos habituais. Mais adiante, o teórico constata a inexistência de inovações formais na atual literatura açoriana – está-se, agora, a trilhar uma estrada real aberta pelos precursores da década de 1980, à busca de uma sedimentação estética. Afinal, a sucessão de rupturas e experimentalismos, se útil em certo momento, deve dar espaço para a *construção*, num *continuum* de sístole e diástole. A destacar o humanismo de Vamberto Freitas, que luta contra a globalização pasteurizadora. Estudando a obra *O homem suspenso*, de João de Melo, diz-nos: *...se o fim da história convém aos mercadores e fazedores de coisas, a alma humana resiste por todos os meios e particularmente pela arte à banalização da nossa humanidade*. Depois dirá:

O que está a acontecer em Portugal, hoje, em muito se assemelha à nossa condição de imigrante no exterior: que lugar ocuparemos na Grande Europa, como nos “defenderemos” do inevitável “assalto” cultural (visto que somos um país com grande número de analfabetos sem conhecimento de sua tradição literária ou erudita), como lutaremos pelo que merece ser defendido da nossa herança nacional e o que deveremos adotar “dos outros”? (p. 128)

E dá-nos a resposta: *Só uma comunidade viva e culta devidamente informada poderá desfrutar a fazer frente a esses gigantesco desafios da globalização da humanidade em curso*. (p. 135).

As idéias expostas em *Mar cavado* (e n´ *O imaginário dos escritores açorianos*) fazem surgir uma verdade: constata-se a existência, nos Açores, daquilo que seria possível chamar de *sistema literário* – há leitores para ler, há escritores para escrever, há editoras que fazem circular o livro, há bibliotecas, há livrarias, há ensaístas e críti-

cos. E mais: não se trata de um sistema endógeno, pois renova-se por pertencer a um espectro mais amplo – mas no qual as particularidades regionais têm vez.

A ilha em frente: textos do cerco e da fuga (1999), do mesmo autor, é um painel do presente estado dos assuntos açorianos, e esse painel possui um tema único, que perpassa as linhas e entrelinhas: a atual situação das Ilhas, tanto pelo viés político-cívico como o da geografia humana e da cultura.

Na primeira parte (*Do nosso imaginário*), há a meditação sobre uma literatura que atravessa as eras e que reivindica seu espaço perante a produção estética nacional; a açoriana é uma literatura com luz própria, a qual, somada à nacional-continental, constitui, com outras vertentes regionais, o panorama da lusitanidade. O que fica é a constatação de que os Açores nunca se envolveram na

demanda de uma diferenciação redutora; pelo contrário haveria de ser sempre a reivindicação de pertença ao todo nacional, mas sem a violação interior de quem se nega a si próprio, ou é negado pelos outros. (p. 37).

Aqui está toda a *summa* do pensamento de Vamberto Freitas: os Açores eram um povo que não conhecia a História, a qual os atingiu de cheio por meio da guerra e da emigração. Tudo mudou: do mundo rural em que nada acontecia passou-se à modernidade universalista; a aristocracia foi substituída pela democracia; o tempo corre na angústia de sua pressa.

Na derradeira seção, *Navegações*, nosso autor detém-se na crítica da literatura i/emigrante. Como ele mesmo diz, *imagens americanas na literatura açoriana* – e vice-versa. Se as obras de Katherine Vaz ou Érika de Vasconcelos tratam sem contemplações a figura do emigrado, ao mesmo tempo lhes conferem um estatuto de seres livres que não apenas se adaptaram ao país de acolhimento mas em certa medida o *modificaram*. Já a literatura açoriana, *na sua maior parte*, possui certas perspectivas preconceituosas, redutoras e folclóricas quanto aos que partiram, enxergando-os sob a míope visão de quem fica, esquecendo-se de que os emigrados enfrentaram o destino em seus novos países. É claro, há exceções registradas, e esta breve notícia complementa o ensaio (que é de 1997) com o *Já não gosto de chocolates*. De tudo o que se depreende dessa parte, percebe-se que, no entender de Vamberto Freitas, não se pode mais pensar nos Açores sem pensar na América, e a raridade para os *continentais* transmuta-se em experiência quotidiana para os insulares portugueses: numa casa açoriana, que sempre terá alguém *do lado de lá* do Atlântico, e a América não é mais novidade, é um dado real, já inseparável da própria *açorianidade*; assim, o termo cunhado por Nemésio poderia ser acrescido de um adendo que incluísse a familiaridade com os Estados Unidos.

Outro acadêmico de nossos dias a merecer igual atenção é Urbano Bettencourt. Na abertura de seu livro *O gosto das palavras III* (1999) – os anteriores da mesma série são de 1983 e 1995 – o autor assinala que não está só, no trabalho de re-velação do sistema literário açoriano; só não está, mas é único em sua dicção. Percorrendo um itinerário pessoal que contempla a poesia, o ensaio, a narrativa, esse autor recupera por fragmentos (mas não à superfície), os recortes possíveis da literatura dos Açores. Sem auto-indulgências, escolheu como objeto de reflexão prioritária certas parcelas da lusitanidade literária que lhe dizem melhor respeito, mas isso não o impede de pensar acerca da imensa literatura *continental*. À onipresente *questão açoriana*, nosso autor responde com idéias disseminadas em vários textos, mas em especial no ensaio *Dos Açores e sua literatura: errância e permanência*. Já havia expresso seu pensamento a respeito do sintagma lingüístico “literatura açoriana”, em *O Gosto das Palavras* [I]:

...aquilo que, em termos literários, se faz nos Açores pode passar muito bem sem o critério ou crivo da literatura açoriana: teremos, fundamentalmente, de tentar lê-lo segundo uma ótica estritamente literária. (p. 86-87)

Superado esse óbice, que em outro momento teve forte conotação ideológica, Urbano Bettencourt aqui distingue perfeitamente o dúplice olhar *desde* a Ilha e *para* a Ilha: a *visão de dentro*, marcada pelo pequeno viver insular, com seu cotidiano desgastante e repetitivo, e a *visão de fora*, que é aquela à distância, geradora do desejo da volta e de sua concomitante impossibilidade; ambas perspectivas geram um contraponto tensional entre o que está longe e perto, entre a pequenez da ilha e a imensa largueza do mundo, e tal espécie de fricção, encontrada nas personagens da narrativa dos Açores, leva-as a uma “vivência de errância” e, talvez, de desgraças. A preocupação com a literatura açoriana o faz lançar pontes com outras expressões literárias insulares, tais como a cabo-verdiana; em estudo específico, o autor verifica e historia a recepção da produção dessa literatura em São Miguel, destacando a figura e a importância do trabalho de Pedro da Silveira.

Vista esta breve e necessariamente incompleta notícia, escrita no propósito de apresentar ao público brasileiro uma narrativa a considerar, cabe dizer que a *questão açoriana* é uma entidade em permanente transformação. Sempre haverá espaço para ser retomada (e revista). Algo, porém, é certo: partícipes da História lusa há cinco séculos, pertencendo ao universo maior da língua, colaboradores no processo da formação da nacionalidade, fiadores do passado sem recorrer a sebastianismos retóricos, os açorianos instituíram-se em entranhada disciplina moral; ultrapassando as dificuldades da terra, do clima, do isolamento e superan-

do os mal-entendidos, sempre esteve junto a Portugal nas circunstâncias de suas etapas vitais dos últimos tempos.

Derivada formalmente da literatura-mãe portuguesa e dela participante, a literatura dos Açores investe-se na atualidade de um agregado que, no campo da narrativa, possui autores que vêm obtendo o reconhecimento do *establishment* cultural e *status* de autêntica e definitiva literatura. Rompendo com os limites da regionalidade, constrói um arcabouço de idéias em que o universal se faz presente, por discutir - no exame da experiência particular das Ilhas - todas as ansiedades, espantos e esperanças do ser humano.

Referências Bibliográficas

1. Teoria e crítica consultada ou citada, a que se agregam textos sugeridos para uma introdução à literatura açoriana:

ALMEIDA, Onésimo Teotônio. *A questão da literatura açoriana*. Angra do Heroísmo: SREC (Col. Gaivota): 1983.

_____. *Açores Açorianos Açorianidade*. Ponta Delgada: Signo, 1989.

BATISTA, Adelaide Monteiro. *João de Melo e a literatura açoriana*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

BETTENCOURT, Urbano. *O gosto das palavras*. Angra do Heroísmo SREC (Col. Gaivota), 1983.

_____. *O gosto das palavras II*. Ponta Delgada: Jornal de Cultura, 1995.

_____. *O gosto das palavras III*. Lisboa: Salamandra (Coleção Garajau), 1999

BORGES GARCIA. Por uma autêntica literatura açoriana. Ponta Delgada (Supl. de *A ilha*), 1953.

CORDEIRO, Carlos *et alii*. *Açorianidade e autonomia*: páginas escolhidas. Ponta Delgada: Marinho Matos-Brumarte-CLR, 1989.

FREITAS, Vamberto. *O Imaginário dos escritores açorianos*. Lisboa: Salamandra, 1992.

_____. *Mar cavado*: da literatura açoriana e de outras narrativas. Lisboa: Salamandra (Coleção Garajau), 1998.

_____. *A ilha em frente*: textos do cerco e da fuga. Lisboa: Salamandra (Coleção Garajau), 1999.

MACHADO PIRES, Antônio M.B. Para um conceito de literatura açoriana, *in Raul Brandão e Vitorino Nemésio*. Lisboa: IN-CM, 1988.

MARTINS GARCIA, José. *Para uma Literatura Açoriana*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1987.

MELO, João de. *Antologia do conto açoriano*. Lisboa: Veja, 1978.

NEMÉSIO, Vitorino. Açorianidade. In *Insula* n° 7-8. Ponta Delgada: 1932.

_____. *Corsário das Ilhas*. Lisboa: Bertrand (2ª ed.) 1983.

_____. *Açorianidade*. In *Insula*, n° 7-8, julho-agosto de 1932.

- PAVÃO, J. Almeida. *Caminheiros da cultura*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1991.
- PAZOS, Vanda Inês da Silva. *Nação e identidade em Gente feliz com lágrimas, de João de Melo*. Porto Alegre, 1998. Dissertação de mestrado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- RIBEIRO, Lúcia Helena Marques. *A questão da identidade da terra e a idéia de permanência em Contrabando Original, de José Martins Garcia*. Lisboa: Salamandra (Coleção Garajau), 1998. [Originalmente dissertação de Mestrado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul].
- RIBEIRO, Luís da Silva. *Subsídios para um ensaio sobre a açorianidade*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura: 1964.
- VV.AA. *Conhecimento dos Açores através da literatura*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 1988.
- SILVEIRA, Pedro da. *Antologia de poesia açoriana*. Lisboa: Sá da Costa, 1977.

2. Ficção narrativa citada ou referida:

- AGUIAR, Cristóvão de. *Raiz Comovida/A Semente e a Seiva*. (2ª ed.), Lisboa: Editorial Caminho, 1987.
- _____. *Ciclone de setembro*. Lisboa: Caminho, 1985.
- ALMEIDA, Onésimo Teotônio. *(Sapa)teia Americana*. 1983
- _____. *No seio desse amargo mar*. Lisboa: Salamandra (Coleção Garajau), s.d.
- DIAS DE MELO. *Pedras negras*. Lisboa: Vega (2ª ed.), 1985.
- MARTINS GARCIA, José. *A fome*. Lisboa: Afrodite, 1977.
- _____, José. *O medo*. Angra do Heroísmo: SREC, 1981.
- _____, José. *Imitação da morte*. Lisboa: Moraes, 1982.
- _____, José. *Contrabando original*. Lisboa: Vega, [1983].
- _____, José. *Memória da terra*. Lisboa: Vega, 1990.
- _____, José. *Lugar de massacre*. Lisboa: Círculo de leitores (2ª ed.), 1992.
- MELO, João de. *O meu mundo não é deste reino*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1983.
- _____. *Autópsia de um mar de ruínas*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1984.
- _____. *Gente feliz com lágrimas*. Lisboa: D. Quixote, 1988.
- NEMÉSIO, Vitorino. *Mau tempo no canal*. Lisboa: 1944.
- OLIVEIRA, Álamo. *Até hoje/Memória de cão*. Lisboa: 1988.
- _____. *Pátio d'Alfândega/Meia-noite*. Lisboa: Vega, 1992.
- _____. *Burra preta com uma lágrima*. (2ª ed.) Lisboa: Salamandra (Coleção Garajau): 1995
- _____. *Com perfume e com veneno*. Lisboa: Salamandra (Coleção Garajau), 1997.
- _____. *Já não gosto de chocolates*. Lisboa: Salamandra (Coleção Garajau), 1999.
- SÁ, Daniel de. *Ilha grande fechada*. Lisboa: Salamandra, 1992.
- _____. *Crônica do despovoamento das Ilhas*. Lisboa: Salamandra (Coleção Garajau), 1997.